

Josefa Escapulário acordou a bordo da nave *Hydraulis II* cinquenta anos depois de lá ter entrado pela primeira vez. Durante todo esse tempo, havia estado adormecida num estado quase vegetativo, à mercê das ondas electromagnéticas que lavravam o navio que comandava, esperando a hora de retomar a vida para a qual sempre se tinha preparado. Com a comandante viajavam cinco outros indivíduos altamente instruídos na sua função e na dos outros para, no caso de algum incidente, poderem executar qualquer mister sem problemas ou restrições.

Assim que, acordando a líder, o computador de bordo mandou despertar toda a tripulação, sugerindo que a rota programada estaria a chegar ao fim.

Por um leve formigueiro, Josefa Escapulário coçou com a pata de trás o chip que lhe tinha sido implantado no cachaço, da mesma forma que, muitos anos antes, teriam feito animais ditos de estimação. Unido a este aparelho por dois fios que debaixo da pele lhe cruzavam os ombros, encontrava-se o recente e moderníssimo monitor cutâneo, altamente sofisticado, possuidor de cinco distintas finalidades absolutamente necessárias para a vida no espaço.

Josefa Escapulário era o fruto de sucessivas selecções artificiais, mudanças de código genético e constantes acrescentos, um modelo de última geração, plenamente eficiente e capaz de superar qualquer obstáculo. Mas Josefa Escapulário era humana, tão humana quanto uma comichão permite; tanto que o pescoço a incomodava verdadeiramente. O pescoço e um pé, que agora também dava mostras de vida numa dormência desesperada de sangue que retoma o seu percurso e volta a percorrer os canais onde antes congelara.

Em muitos anos de vida e de viagem, nunca a comandante testara tão estranhas sensações no seu corpo, como se um botão se tivesse desligado e dado à luz instintos primitivos desconhecidos até ao momento, reprimidos pelo seu lado motorizado. Um arrepio percorreu-lhe a espinha; um novo sinal, um novo aviso, um novo presságio. O tempo, os cinquenta anos adormecidos, parecia ter devolvido a Josefa Escapulário o seu lado de Josefa Escapulário.

E enquanto a nave avançava pelo vazio, executava mecanicamente Josefa Escapulário as suas tarefas. Sozinha, no meio de tanto metal, rodeada de metal, falando com pessoas de metal, quase se tornando um metal, Josefa Escapulário sentia-se em casa, acompanhada por seres que só na sua cabeça existiam. E para ajudar, consigo, levava sempre preso por um fio um pequeno frasco com recordações de casa: areia da praia e um búzio do mar. Há muito que Josefa Escapulário não via o mar. Lembrava-se das tardes passadas com o avô a ouvir a ressaca das ondas, sentindo a espuma nos pés descalços e lembrava-se de, aos poucos, se enterrar no sopro quente do vento no seu cabelo. Não via o mar desde pequena, desde muito pequena, tão pequena quanto um caracol. Também se lembrava dos caracóis e de sentir que na praia, com o avô, o mundo era a sua carapaça de cristal inquebrável, um globo de neve indestrutível.

Mais tarde, aprendeu a reconhecer a sua carapaça na carcaça metálica das naves por onde andava, a ouvir a voz do avô no doce murmurar harmónico dos propulsores e a imaginar que tudo o que via não passava de um sonho sonhado e tornado a sonhar, deitada na areia branca da praia do passado.

Mas quando Josefa Escapulário acordou a bordo da nave *Hydraulis II* cinquenta anos depois de lá ter entrado pela primeira vez, não voltou à praia, nem ouviu o avô, nem reconheceu a carapaça. O globo foi deixado cair, a neve derreteu e o sonho perdeu-se para sempre. Na verdade, com a comandante viajavam cinco máquinas que sempre tinham estado acordadas, velando um corpo vivo que mal respirava e cuja carne era a única substância realmente orgânica do navio.

Assim que, acordando Josefa Escapulário, um fruto de uma tecnologia avançada e para muitos do seu mundo antigo desconhecida, descobriu-se humana. Realmente humana.

De modo que não conseguia Josefa Escapulário executar as suas tarefas. Acabada de acordar, sentia-se velha, perra, como se cada músculo requeresse toda uma quantidade de energia que não possuía, ao ponto de se tornar difícil respirar ou manter os olhos abertos. Porque pela primeira vez, a comandante precisava de abrir os olhos e encarar uma realidade que não conhecia e que não queria conhecer.

Uma lágrima fina escorre pela face de Josefa Escapulário, deixando um rasto para outra que se lhe segue, e outra, e outra. Lentamente, as mãos prostradas sobre o colo tornam-se um pequeno reservatório de água salgada e a sua cara fica murcha e inchada, tal planta regada com demasiada água e deixada afogar. Limpa Josefa Escapulário o nariz ranhoso com a manga do fato, apenas para recordar tempos antigos em que fazia o mesmo e o pai ralhava, dizendo que aquilo não se fazia, que meninas bonitas não limpavam o ranho à manga. Tranquilizou-a um reflexo que a fez perceber que já nem era menina, nem era bonita e que aquele momento antigo tinha sido o ponto de viragem na sua vida que tinha dado a Josefa Escapulário o seu lado de Josefa Escapulário.

E assim, decide Josefa Escapulário retomar as suas funções de capitã de tão povoado navio. Desta vez, limpou a cara com o punho da outra manga, que a primeira já estava meia empapada, secou as mãos às calças e levantou-se, adoptando a atitude esperada para alguém de tamanha patente.

Eis que, retomando os comandos, Josefa Escapulário percebe que não sabe onde está. Com tanta choradeira, não se preparou convenientemente para o que esperava dentro de apenas alguns dias. Estava sozinha e perdida no meio do espaço, num lugar onde tinha passado quase toda a sua vida mas só agora via com olhos de ver, ouvidos de ouvir e nariz de cheirar. Não que fossem estes sentidos muito importantes, que o vazio, vazio está e portanto, pondo as coisas em perspectiva, Josefa Escapulário encontra-se mais do que apta para enfrentar esta horrífica experiência. E assim fará.

Seguindo o protocolo desenvolvido por investigadores de sobremaneira esclarecidos na sua missão, Josefa Escapulário preparou a abordagem ao planeta Atlas IV, o quarto planeta que visitava, com tanto cuidado quanto lhe foi possível. A sua simples incumbência era verificar a capacidade de albergar vida humana deste novo astro e depois retornar à Terra, onde a vida se tornava mais difícil a cada dia que passava, e aceitar voluntários colonizadores para repovoar o novo local.

Dias passaram numa incessante azáfama de preparação, organizando os testes necessários por ordem crescente, depois por ordem decrescente, a seguir por ordem de cor, logo desorganizando tudo e voltando a organizar. Certo é que Josefa Escapulário está nervosa, mais ainda por saber que agora é humana, mas tudo se resolverá.

Até que um ponto começa a desenhar-se onde antes nada existia. A comandante começa a sentir reais sinais de nervosismo, tremores de mãos, frios suores, arrepios na coluna, dormência nos pés, sendo-lhe impossível acabar com estas revelações únicas da vida humana que sente em si. Quando o ponto começa a crescer, a tornar-se mais que um simples ponto, primeiro um berlinde, daqueles que usava para jogar com a mãe, depois uma bola, uma enorme cabeça decapitada, um balão deixado voar e por fim todo um enorme e novo planeta, Josefa Escapulário percebe que precisa de mudar o seu modo de proceder e tenta acalmar-se.

Agora, com a cabeça mais fria, juntamente com a nave que acompanhou o seu caminho, a capitã prepara a aterragem. Veste o seu fato desenhado para ambientes hostis, novamente recontando e reorganizando todos os testes que terá de fazer, sentando-se, por fim, no seu lugar. Aperta o cinto cinzento e nervoso que a fixa à cadeira e espera, rezando a um deus que desconhece e no qual pensava não acreditar.

Termina por ali o seu trabalho, a nave pouso no novo solo como uma pena gentilmente deixada cair ao chão e Josefa Escapulário sai. Com estranha imagem se depara pois onde devia apenas haver intermináveis campos, havendo-os, também, encontravam-se milhares de pessoas quase iguais a si, que a observavam saindo da nave com tanto equipamento, parecendo um cão abandonado e só, que com o osso agarrado na rua, decide procurar nova casa.

Naturalmente, Josefa Escapulário pensa que sonha. Fazendo o primeiro teste, verifica que o ar é respirável e a pressão aceitável, retira a máscara. Neste curto intervalo, já um dos milhares que ali se encontravam foi ao seu encontro e estendeu a mão, em cordial cumprimento de paz. Desesperado pânico foi o da navegante assim que, estendendo também a sua, uma voz muda ouviu na cabeça, como se comunicasse sem palavras, apenas pelo toque, um indicador esticado em direcção a outro, deus tocando na sua criação e formando o mundo. Pior ainda ficou quando, na cara do desconhecido habitante, reconheceu o perdido olhar do avô. Numa fracção de segundo, desfalece Josefa Escapulário e cai nuns braços que há muito a esperavam e que depois a carregam até onde possa repousar, recuperar forças e pedir uma explicação.

E então acorda a nossa turista, perdida, confusa e extremamente debilitada, certa de que vira um fantasma ou que, ardendo em febre, delirava. Novamente se encontrava aquele homem à sua beira, esticando um dedo no qual antes tocara e no qual voltou a tocar, para abraçar novamente um diálogo calado em que perguntou Quem és e a resposta chegou sem saber como, sem saber de onde, com que som, com que voz.

Num toque tudo ficou dito, tudo explicado, como se um raio de luz pura tivesse finalmente incidido em Josefa Escapulário e a tivesse levado até ao conhecimento infinito. Assim percebeu que se encontrava num planeta muito distante do seu, cujo nome seria desnecessário pronunciar e cujos habitantes eram realmente iguais a si, diferentes apenas em algumas coisas, como, já visto, a forma de falar.

Porém, em mais se diferenciavam. Vivendo Josefa Escapulário desde sempre habituada a toda uma tecnologia praticamente irreal, ali, encontrava-se pela primeira vez em verdadeira comunhão com a natureza. Os seus aparelhos não funcionavam, nem o seu monitor cutâneo, nem os testes que ainda tinha para realizar. Ali, a tecnologia não tinha lugar; ali, todos viviam como parte da natureza e não como se nela mandassem. Ali, sentia-se diferente.

Num toque, percebeu a história daquele que parecia o seu perdido avô e a história dos seus conterrâneos. Viviam num lugar onde tudo se podia resolver, num mundo que tinha de ser preservado e mantido como já era desde que surgiu a primeira pontada de vida, num mundo onde a morte levava a algo mais, a um passado que poderia ser mudado apenas para alterar uma realidade impossível de viver. E conhecendo esse homem, percebeu que aquele mundo era igual ao seu, que as pessoas eram iguais àquelas de que se lembrava, mas que tudo vivia em paz. Não fosse proibido, podia, também, ter-se encontrado com uma outra Josefa Escapulário que sabia existir algures.

Mas Josefa Escapulário, a nossa, sentia-se triste. Naquele mundo viu o que não via no seu: alegria, serenidade, uma Terra onde se podia viver, tão diferente da sua, onde quase todos os animais tinham perecido, em que o ar se tinha tornado irrespirável, em que para sobreviver seria preciso roubar, matar, sequestrar. Josefa Escapulário não mais queria regressar para o local de onde tinha partido, mas ao mesmo tempo queria ter a possibilidade de o tornar em algo melhor, só faltava ainda descobrir como.

Tudo isto sentiu a comandante num simples toque e tudo isto sentiu também o seu novo avô no mesmo toque. Mesmo não falando, mesmo não sendo a pessoa que queria que fosse, Josefa Escapulário parecia ouvir a sua voz a ressoar no seu corpo, a fazer eco, a ir e a voltar, a trazer de volta quem antes tinha perdido: primeiro o avô, logo a seguir a mãe e muito tempo depois o pai. Todos levados antes do tempo por doenças causadas pela pouca qualidade de vida que o seu mundo tinha, por mudanças necessárias que não foram tomadas e que agora seriam inúteis.

Josefa Escapulário decide fechar os olhos e ponderar. Sabe haver uma maneira de mudar as coisas que ela só pode conseguir, uma maneira de ser tornar a Josefa Escapulário que quer ser e não aquela em que a obrigaram a tornar-se: uma mulher irreal, robótica, cujos sentimentos foram durante muitos anos escondidos através de eléctrodos implantados no seu corpo, ligados a um monitor que por baixo da pele os ombros lhe cruza e que deu origem ao seu nome, um escapulário informático que abomina mas que sabe ser parte de si.

E então, por baixo dos olhos, surge uma ideia, um pensamento muito concreto, uma onda que a leva em direcção ao que tem de fazer. Josefa Escapulário sai correndo, vai à praia que conhece e que sabe já ter visto antes, num passado realmente distante e enche o frasco que leva ao pescoço com recordações desta nova casa: areia dessa praia e um búzio daquele mar. Mas desta vez, o frasco vai preso por mais que um fio, vai preso ao coração que sabe possuir, à voz do avô no vento, ao cheiro da mãe na maresia, aos olhos do pai no céu.

Tomando como suas filosofias alheias de vida, Josefa Escapulário sobe a uma ravina não muito distante e por outra vez corre, corre, corre e investe de encontro à morte, a uma nova existência, uma nova vida que ela própria vai poder escolher. O seu corpo toma o embalo da

gravidade e cai cada vez mais rápido, quase parecendo que o ar perdeu a sua resistência e que grandes asas negras de anjo lhe saem dos ombros e a puxam em direcção ao abismo. Embatendo no solo, de rompante, abre Josefa os olhos e quase salta da cama onde, horas antes, parecia ter-se deitado. A sensação dos ossos moídos, desfeitos em mil pedaços, atormenta-a, mas mais que isso, assusta-a uma realidade que sabe ter vivido muito longe dali, num sonho do qual acabou de acordar.

Sabia estar agora no passado que conhecia, realmente perto daqueles de quem gostava e que há muito não via. Levou a mão ao peito e, onde antes estava um monitor com cinco funções cuja necessidade era questionável, sentiu, simplesmente, preso por uma corda inquebrável, o frasco, a areia, o búzio, a voz, o cheiro, os olhos.

Chorando, chorando e tremendo convulsivamente, sob o incrédulo olhar dos pais que, como um outro senhor antes, à sua beira apareceram preocupados, Josefa limpou o ranho à manga e o pai perguntou Quantas vezes já te disse que isso não se faz, que meninas bonitas não limpam o ranho à manga?

E Josefa sorriu, tranquilizada por um seu reflexo de menina pequena e bonita, sabendo, descansada, que lhe tinha sido dada a oportunidade de mudança de que precisava e sabendo, sobretudo, que ainda havia esperança.